

# Identities translated: *abordagens éticas na tradução de* *El Amante Bilingüe*

Carolina Dutra Carrijo<sup>5</sup>  
Universidade de São Paulo (USP)

## Resumo

O presente artigo aponta algumas questões éticas encontradas na tradução da obra *El amante bilíngüe*, de Juan Marsé (1990). Entendida sob a perspectiva de uma narrativa migrante (CORNEJO-POLAR, 1996), plurilíngue e polifônica, a obra recria, no plano do enredo, o processo de dissolução identitária do personagem – no qual se espelham, de forma caricatural, questões históricas, culturais e linguísticas entre Espanha e Catalunha. Entrelaçado ao enredo, o plano da linguagem se tece como uma rede de reverberações, com a presença de dois idiomas e de um dialeto literário. Ao lidar com este complexo artefato literário fundamentado na pluralidade linguística, colocam-se novos problemas ao tradutor: os aspectos relativos ao contato e a mediação entre as culturas evidenciam-se imbricados à recriação literária que se dá na travessia entre as línguas. Definir uma estratégia de tradução que contemple os recursos literários empregados pelo autor envolve assim a reflexão sobre as escolhas éticas envolvidas no ato tradutório.

## Palavras-chave

Identities culturais. Plurilinguismo. Ética da tradução. Juan Marsé. Identidade migrante.

---

<sup>5</sup> Mestre em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo.

Celebrado como um dos grandes romancistas em língua espanhola, Juan Marsé (1933-2020), recentemente falecido, é pouco conhecido pelo leitor brasileiro. A escassa tradução de sua obra para o português parece se configurar como fato reforçador de tal desconhecimento. Grande parte de seus romances e contos tem como tempo narrativo a época logo após o fim da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e se estende durante o longo período da ditadura franquista.

Muitos temas permeiam sua extensa produção, entre os quais se destacam o papel da imaginação e da memória coletiva em um tempo em que é imperativo o esquecimento. Destaca-se também o cenário narrativo desta Barcelona ficcional, construída com vestígios e reminiscências de um panorama histórico de perdas, privações, e também sonhos, fantasias, sempre atravessadas pelo peso de um *passado que não passa* (GELI, 2016). *El amante bilíngüe* retoma esses componentes em uma vertente cômica e debochada. O romance já deixa apontado em seu título um dos temas fundamentais da obra: o bilinguismo, que se desdobra em questionamentos sobre identidade cultural, subjetiva, linguística.

Para compreendermos a densidade dos problemas éticos da tradução relacionados a esta obra, é necessário caminharmos brevemente sobre o tempo/espço narrativo e sua contextualização histórica.

Como já apontado pela crítica (RESINA, 2001), a cena inicial do romance, situada exatamente no ano da morte de Franco, traz, no diálogo entre Marés – protagonista da obra – e o amante de sua esposa, a pergunta: “*Y ahora, qué?*”, a qual traduz a ansiedade de parte da sociedade espanhola (e catalã) com relação ao futuro do país.

Economicamente, a sociedade espanhola havia experimentado um momento de crescimento, ainda que de maneira desigual e sobre bases mais que questionáveis, a que convenientemente se chamou “milagre”. Entretanto, como decorrência da desigualdade entre as regiões e do desenvolvimento industrial/urbano frente à deterioração vertiginosa das economias rurais, intensificaram-se os fluxos migratórios, que, em lugar de minimizar as condições de desigualdade, trouxeram-na também para as cidades, produzindo outras formas de divisão social, cultural, econômica, espacial.

No caso de Barcelona, espaço narrativo de Marsé, temos que, no começo dos anos sessenta, a capital se compunha se uma proporção quase igual de “catalães de origem” e imigrantes de outras regiões espanholas e seus descendentes, divisão que estabelece também diferentes estratos socioeconômicos – predominantemente, identifica-se a sociedade catalã à classe urbana burguesa enquanto a classe operária é identificada à

origem imigrante. Tal divisão constela-se ainda em distintas identidades culturais e marca-se no corpo da cidade, produzindo espaços de segregação: ao centro beneficiado pelo desenvolvimentismo urbano contrapõe-se a precária periferia imigrante.

Problematizando ainda mais essa dinâmica, persistem encobertos – pois que fortemente reprimidos pela perspectiva centralista de Franco – os nacionalismos, interessados em estabelecer definições de identidade e espaços culturais e políticos demarcados.

Cabe destacar aqui que o próprio conceito de nacionalismo, tal como é expresso em linguagem corrente na Espanha, difere consideravelmente do entendimento mais corriqueiro no português do Brasil. Enquanto no Brasil o termo é normalmente associado ao conceito de País, unidade centralizadora, na Espanha, a palavra é frequentemente associada aos diversos grupos sociais que a compõem: nações são entendidas como comunidades que historicamente possuem identidade linguística e cultural diferenciadas da centralidade da Pátria ou do Estado espanhol.

Assim, a Constituição da Espanha (1978) reconheceu o direito à autonomia das *nacionalidades* e regiões que a integram e, desde então, foi se estabelecendo, nos diversos Estatutos de Autonomia, o autorreconhecimento das nacionalidade histórica das comunidades de Andaluzia, Aragão, Canárias, Catalunha, Comunidade Valenciana, País Basco e Galícia. Embora nem todas elas tenham língua própria, este autorreconhecimento as legitimaria como *nações*<sup>6</sup>.

Centrando-se no caso da Catalunha – identificada, no romance, à capital Barcelona – o problema torna-se bastante complexo, uma vez que tanto a cultura catalã havia sido soterrada sob a repressão franquista, como o destino dos imigrantes da classe operária pouco havia interessado regime. Tratava-se, então, de mais um desafio da transição democrática: reconstruir a “identidade catalã” e assimilar a presença econômica e cultural do imigrante.

---

<sup>6</sup> Cabe destacar, no entanto, que atualmente o termo volta a manifestar sua carga polêmica no debate sobre a autodeterminação, que contrapõe este conceito à ideia da indivisibilidade da Nação espanhola. Veja-se, a respeito, a modificação, feita em 2010, pelo Tribunal Constitucional, no Estatuto de Autonomia da Catalunha aprovado em 2006, precisamente no que se refere ao uso da palavra “nação”: “*De la nación puede, en efecto, hablarse como una realidad cultural, histórica, lingüística, sociológica y hasta religiosa. Pero la nación que aquí importa es única y exclusivamente la nación en sentido jurídico-constitucional. Y en ese específico sentido la Constitución no conoce otra que la Nación española, con cuya mención arranca su preámbulo, en la que la Constitución se fundamenta (art. 2 CE) y con la que se cualifica expresamente la soberanía que, ejercida por el pueblo español como su único titular reconocido (art. 1.2)*” (TC, 2010, p. 272).

A força desses componentes históricos e culturais em tensão, metaforizados na problematização do processo identitário sofrido pelo protagonista do enredo, é um dos eixos narrativos de *El amante bilingüe*.

Nele acompanhamos a crise e transformação do protagonista, Joan Marés (jogo com o nome do autor, Juan Marsé), catalão de origem humilde criado em uma região fronteiriça de Barcelona, onde convive com vários “*charnegos*”, como são chamados pejorativamente as pessoas de fala não catalã – no caso, a grande massa de imigrantes vinda principalmente do Sul da Espanha, em particular andaluzes e murcianos<sup>7</sup>.

Marés surpreende sua esposa, Norma, mulher da classe alta catalã, na cama com um engraxate *charnego*, fato ao qual se sucede o abandono de Marés pela mulher e sua queda em uma profunda crise de identidade: por mais de quinze anos não consegue superar o rompimento da relação.

Torna-se, então, um músico de rua, assumindo distintos papéis, conforme a conveniência. Como observado por Stewart King (KING, 1999), tais papéis multiplicam-se ao longo da narrativa, e remontam já à sua infância, quando, sendo catalão, é confundido com um “*charneguillo de los muchos que entonces infectaban el barrio*” (KING, 1999, online)<sup>8</sup>.

Essa vida mendicante, arrastada sob as múltiplas personas criadas por Marés, vai se intensificando, até o momento em que o protagonista é visitado em sonhos ou alucinações por uma espécie de *alter ego* imigrante chamado Juan Faneca e entra em um processo vertiginoso de perda de identidade: a personagem Joan Marés – último reduto do *eu* – vai se degradando exponencialmente enquanto passa a incorporar um presunçoso Juan Faneca.

Pouco a pouco, Faneca vai convencendo o decadente Marés de que somente conseguiria se aproximar de Norma se se fizesse passar por *charnego*. Essa presença vai assim tomando conta de Marés, que assume o disfarce do murciano Faneca<sup>9</sup>. Este *outro* imigrante, inclusive, apodera-se de sua fala, que passa a marcar-se de um acentuado sotaque *charnego*. Entretanto, paulatinamente o disfarce vai se tornando “realidade”, e a

---

<sup>7</sup> Proveniente de Murcia, região Sudeste da Espanha. O termo também é usado de forma pejorativa para referir-se aos imigrantes operários.

<sup>8</sup> A maioria dos trechos citados da obra *El amante bilingüe* será citado no idioma original, de forma a evidenciar algumas questões relativas à tradução abordadas neste artigo.

<sup>9</sup> Em outro nível, reverbera-se a tensão entre o mundo ficcional e o “real”: os nomes dos personagens jogam com o nome do próprio autor, nascido Juan Faneca Roca, convertido posteriormente em Juan Marsé Carbó.

realidade se torna delírio: ambos parecem então pertencer a uma mesma região “fronteiriça”, expondo os limites de definição e identificação do sujeito – indefinição que se desdobra em perspectivas sociais, culturais, linguísticas.

Compondo um dos fortes vetores desta dinâmica, a dualidade linguística que atravessa o personagem está extremamente enraizada na problemática definição da identidade catalã. Exemplifico tomando as palavras do autor, ao receber o Prêmio Cervantes de Literatura:

Como os senhores sabem, sou um catalão que escreve na língua castelhana. Eu nunca vi nada de anormal nisso. E embora acredite que a imensa maioria compartilhe da minha opinião, existe entretanto quem pense que se trata de uma anomalia, um desacordo entre o que eu sou e represento, e o que deveria ter sido e haver talvez representado. Diga-se de passagem, desacordos entre o que sou e o que poderia haver sido nesta vida, como escritor e como simples indivíduo, tenho para dar e vender, ou, como dizemos na Catalunha, *per donar i per vendre* [...]

A dualidade cultural e linguística da Catalunha, que tanto preocupa, e que na minha opinião nos enriquece a todos, eu a vivi desde que faço uso da razão, na rua e na minha própria casa, com a família e com os amigos, e continuo vivendo. Pode ser que isso comporte efetivamente um equívoco, um certo desgarramento cultural, mas é uma obstinada e persistente realidade. (MARSÉ, 2009, n.p., tradução livre).

De fato, o autor – tal como o protagonista do romance – é um catalão de origem, que viveu grande parte de sua infância junto a imigrantes do sul, e traz em sua história a marca da hibridez cultural sinalizada na obra.

Se língua e cultura estão necessária e intimamente imbricadas, a análise da questão linguística mostra-se uma via de acesso incontornável a certos aspectos do romance em questão. Como fato primeiro, a presença na Catalunha dos dois idiomas – catalão e castelhano –, entendida ora como bilinguismo, ora como diglosia, é marca contundente da permeabilidade entre as diversas culturas.

De outra parte, as línguas e variações dialetais, a um tempo em que afirmam a pluralidade, são também portadoras simbólicas de tensões históricas: para o imigrante proveniente de outras regiões da Espanha, a marca da variação dialetal denota origem espacial e estrato social, traduzindo-se facilmente como preconceito.

Sob outro ponto de vista, o catalão se vê “submetido a um Estado linguístico e culturalmente diferente, considerado pelos naturais da região como usurpador de sua soberania” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1995, p. 11). Daí a necessidade de afirmar a língua “original”, o catalão, que assume o papel de integrador étnico/identitário.

Cardoso de Oliveira (1995) acrescenta a esta reflexão o conceito formulado por Esteva Fabregat, que, ao abordar o processo de sucessivas identificações vivido pelos imigrantes na Catalunha, traz a ideia de uma identidade “bifurcada”. Embora o autor se refira aos imigrantes castelhanos – que assumem a identidade cultural catalã ao mesmo tempo em que conservam elementos de sua cultura de origem –, penso que o conceito poderia ser aplicado aos próprios catalães, uma vez que mantêm elementos de identificação a ambas as culturas – catalã e “espanhola”<sup>10</sup>. Poderíamos pensar, também, em uma identidade já em princípio “bifurcada”, ou seja, definida pela simultaneidade e pelo contraste, que estão em sua própria matriz linguística.

Inevitável pensar que esta dinâmica inclui também relações de poder: ser catalão, em contraste com ser “castelhano”, como também ser “charnego”, em contraste com ser catalão, presentifica diagramas e relações de poder, em tensão e mudança. A identidade que se constitui, a um tempo contrastiva e combinatória, só pode ser, assim, plural – e aí se aplicaria talvez, a ideia de “identidades traduzidas”:

Diante dessas inversões da etnicidade observáveis em Barcelona, pode-se deduzir que a identidade catalã enfrenta dois desafios: de um lado, o de sustentar o seu domínio sobre os grupos imigrantes ingressados no território catalão; de outro, o de marcar sua soberania perante os castelhanos, representantes reais ou simbólicos do Estado espanhol. Atuando entre duas frentes na sustentação de sua identidade, os catalães — conforme as circunstâncias de sua inserção no cenário interétnico — vivem a ambiguidade de sua dupla situação: a de membros de uma sociedade anfitriã (diante das etnias imigrantes) e a de “povo hóspede” do Estado espanhol, dominado pelos castelhanos [...].

Para todas essas manifestações de identidade étnica e nacional talvez se ajuste bem o conceito de identidades traduzidas, [ou] “homens traduzidos”, para exprimir a ideia de homens e mulheres que são simultaneamente plurais e parciais. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 13, 18).

Tais componentes duplicam, no corpo do personagem, a tensão entre os movimentos de afirmação e repressão, que persiste em toda a história da Catalunha, e que se alinham a uma questão identitária muito bem traduzida por Vicent i Vives: “A vida dos catalães é um ato de afirmação continuada: é o sim [*sí*], não o se [*si*] (...) Para a Catalunha, o móvel primário é a vontade de ser [*voluntad d'èsser*]” (VICENT I VIVES, 1984, p. 201-202).

Reforçando a questão identidade x diversidade existente na Catalunha,

---

<sup>10</sup> Na data em que escrevo este artigo, tendo em vista o agravamento da tensão entre Catalunha e Espanha, tal afirmação poderia ser questionada por diferentes grupos, dada a radicalização que vem assumindo o debate identitário.

percebe-se que a obra traz em seu corpo referências do universo linguístico e cultural catalão que possivelmente se tornam opacas ao leitor “externo” – diálogos, interjeições, indicações topográficas, citações de poemas e músicas são escritos diretamente em catalão, além das referências culturais típicas e da presença de “catalanisms”<sup>11</sup>. Ao mesmo tempo, há a presença da variante linguística andaluza, em que a forte marca de pronúncia carrega-se de marcas sociais (socioleto), identificando o falante não só em sua origem como no estrato social que ocupa.

Silencio. Marés le ofreció un carraspeo, luego un suspiro y jadeos. Sentía un nudo en la garganta. Se me parte el alma —se dijo—. Ella pensará: vaya, otro charnego analfabeto y tímido que no se atreve a preguntar.  
—Perdone la molestia —dijo por fin—. Quería preguntarle un par de cositas, ¿sabuzté? Verá, tengo un problemita de escritura y me he dicho: voy a llamar a la Xeneralitá...  
—Parli cáatala, si us plau. En catalán, por favor.  
—Lo parlo mu malamente, zeñora.  
—Entonces procure hablar sin ese acento, porque no le entiendo. (MARSÉ 1990, p. 31)

Do mesmo modo que o autor exagera traços do falar “charnego” e explora os preconceitos a partir dos quais se ouve este falar imigrante, os símbolos do nacionalismo catalão aparecem de forma iconoclasta, como imagens satirizadas até o grotesco, levando a uma contraposição quase caricatural de símbolos culturais.

[...] Estábamos hablando del patriotismo de mis padres, de cómo me habían educado en el amor a Cataluña y a la senyera, y de repente me besó en la boca. Fue un beso larguísimo, y mientras duró, sin despegar en ningún momento su boca de la mía, me recitó el Cant espiritual de Maragall. Era capaz de recitar las obras completas de mossén Cinto mientras besaba.  
—¡Hija, qué asco! —dijo Mireia.  
—Babas y poesía patriótica —dijo Ribas—. A Norma siempre le gustó ese cóctel. (MARSÉ, 1990, p. 52)

Tais estereótipos revelam o nível da precariedade com que Marés compõe os papéis que decide representar, na rua e em outros espaços. Por outro lado, essas marcas linguístico-culturais, ao serem colocadas em mesmo plano ao leitor (seja catalão ou não-catalão), oferecem a possibilidade do estranhamento, do deslocamento – ou seja, o leitor não pode se acomodar em uma única leitura, um único universo de (re)conhecimento.

---

<sup>11</sup> “Catalanismo” refere-se a palavras em catalão que se “castelhanizaram”. Diz a esse respeito Marsé [traduzo do catalão]: “É um fato normal, porque o castelhano da Catalunha está contaminado pelo catalão e vice-versa. Em minha primeira novela, *Encerrados con un solo juguete*, por exemplo, um dos personagens dizia: *¡Qué eres burro!*, em vez de dizer *¡Que burro eres!*” porque traduzia diretamente do catalão *“¡Que n’ets de burro!”*. Deixo alguns catalanisms nos diálogos porque, em definitiva, são o testemunho de uma fala, do castelhano que realmente se usa na Catalunha. Eu não posso escrever no castelhano de Valladolid. Não posso escrever como Delibes: nem tento, nem me interessa.” (Apud: BENEDETTO, 2008, p. 3)

Seria possível dizer que este leitor sofre o mesmo desdobramento e dissolução por que passa a personagem: é forçado, inclusive pela percepção da ironia, a migrar de um sistema simbólico a outro, de uma língua a outra, de um estrato social a outro.

Talvez o discurso esquizofrênico deste personagem nos aproxime, de alguma forma à “heterogeneidade não dialética” do discurso migrante (CORNEJO-POLAR, 1996):

Minha hipótese primária tem a ver com a suposição de que o discurso migrante é radicalmente descentrado, uma vez que se constrói ao redor de eixos variados e assimétricos, de alguma maneira incompatíveis e contraditórios de um modo não dialético. Acolhe não menos que duas experiências de vida que a migração, contrariando o que se supõe com o uso da categoria de mestiçagem, e em certo sentido o conceito de transculturação, não tenta sintetizar em um espaço de resolução harmônica; imagino – ao contrário – que o lá e o cá, que são também o ontem e o hoje, reforçam sua aptidão enunciativa e podem tramar narrativas bifrontes e – se quisermos, exagerando as coisas – esquizofrênicas. (CORNEJO-POLAR, 1996, p. 841, tradução livre)

Poderíamos então nos propor algumas questões. Como essa narrativa migrante e esquizofrênica é escutada por um leitor situado fora deste contexto particular? Supondo que não esteja muito bem informado sobre todas essas questões contextuais apontadas, é possível que acesse a obra em um nível não apenas superficial? A pergunta que nos fizemos retorna na observação de Steward King (grifei):

Neste contexto, temos que nos perguntar a quem se dirige a obra. Está escrita em castelhano mas, isso quer dizer que o livro está dirigido somente a um público de fala castelhana? (...) Posto que o aparecimento do catalão no texto não está acompanhada de notas de rodapé que expliquem ou traduzam o catalão do texto (...) isto significa que o romance foi escrito para o público catalão ou para um público da área linguística catalã? Tendo perguntado isso, é significativo que o livro tenha ganhado o ‘Prêmio Ateneu de Sevilha’ de 1990, o que quer dizer que o livro ressoa para além das fronteiras da área linguística catalã. Estas ambiguidades servem para que a estrutura do livro reflita seu conteúdo; ou seja, a novela joga com a sua própria identidade cultural da mesma maneira que Marés/Faneca joga com ela. Sem dúvida, a obra é um produto da cultura catalã, mas não da cultura catalã monolíngue representada no livro por [alguns personagens]; é o produto de uma cultura catalã heterogênea, ou talvez seria melhor descrevê-la como um produto de culturas catalãs. (KING, 1999, online, tradução livre)

Se a hipótese de King (1999) está correta e o texto reverbera para além de suas fronteiras linguísticas – podemos concluir, de início, que é possível, sob alguma ética, traduzir a obra para fora do contexto catalão. De fato, o que levaria a traduzir a obra, não fosse o reconhecimento de algo que também fala aos que estão “do lado de cá”, mas que identificam nesta experiência algo que os toca?

Que tipo de ética daria conta, então, de retraduzir essa identidade híbrida e, ainda, não perder de vista questões políticas, particulares ao “contexto-fonte”, que estão tão fortemente implicadas no eixo narrativo? Como dar conta de uma re-tradução dessas “identidades traduzidas”, “simultaneamente plurais e parciais”, conforme mencionamos anteriormente, sem desfazer esse delicado tecido de vozes?

Primeiramente, teríamos que lançar alguma luz a respeito de quais horizontes éticos teríamos em vista, tendo em conta que este é um vasto terreno... Não caberia aqui nos estender na reflexão sobre o que é ética – análise que demandaria considerações profundas a respeito –, mas talvez esclarecer qual conceito de ética estabelecemos como ponto de partida.

Aqui nos alinhamos às palavras da Prof. Dra. Lenita Maria Rimoli Esteves (2012), em sua tese sobre atos de tradução. A autora comenta que o vocábulo ‘ética’, usado geralmente como singular de “éticas”, pode ser entendido no sentido da “escolha de um modo de agir” (ESTEVES, 2012, p. 2). Esteves pontua também que, na definição do dicionário filosófico de Cambridge, a ética é o “estudo filosófico da moral” (DEIGH 1999, p. 284) e, recuperando La Taille (2006), comenta: “numa formulação um pouco diferente, podemos dizer que a moral é um fenômeno social, e a ética é uma reflexão filosófica ou científica sobre esse fenômeno” (ESTEVES, 2012, p. 2)

Um dos aspectos que nos parecem mais relevantes à tradução do romance comentado seria a reflexão ética relativa às questões sobre a alteridade e o contato e a mediação entre culturas, já que a questão identitário-cultural é ponto crítico da obra.

A esse respeito, um direcionamento inicial poderia ser encontrado nas reflexões de Antoine Berman (2002) e Lawrence Venuti (2005). Cada um a seu modo, e sob perspectivas um pouco distintas, esses autores defendem que uma ética de tradução deve deixar no texto as marcas do estrangeiro – seja para libertar-se do etnocentrismo e da hipertextualidade (Berman), seja para marcar o texto de chegada como traduzido, provocando desalienação, desvelamento e, ainda, evidenciando o papel do tradutor (Venuti).

Opõem-se, assim, à perspectiva “domesticadora” de traduções que, nos dizeres de Schleiermacher, “trazem o texto até o leitor”, e não “o leitor até o texto” – tipo de atitude que se vê, por exemplo, nas famosas “*belles infidèles*” francesas. O comentário de Lawrence Venuti (2005) ilustra bem essa diferença no tipo de abordagem, relacionando-as à questão das traduções em seu diálogo com ideologias e identidades:

Essa identidade relacional, sempre fundamentalmente diferencial, moldada por uma distinção de outra, na qual a identidade, no entanto, se baseia, pode ser excludente ou receptiva. Os tradutores alemães definiram a nação alemã como aquela que incorporou um respeito pelo estrangeiro que os levou a rejeitar as práticas culturais francesas que não mostravam esse respeito. Eles valorizaram um método de tradução *estrangeirizante*, descrito por Schleiermacher como aquele em que ‘o tradutor deixa o autor em paz, tanto quanto possível, e move o leitor em sua direção’, um literalismo no qual se imprime a estranheza do texto estrangeiro, enquanto os franceses eram vistos como defensores de um método *domesticador*, no qual o tradutor ‘deixa o leitor em paz, tanto quanto possível, e move o autor em sua direção’, uma reescrita muito mais livre do texto estrangeiro, de acordo com as inteligibilidades e interesses da cultura receptora. (VENUTI, 2005, p 187-8, tradução livre)

Se anteriormente dissemos que os procedimentos estéticos do autor oferecem a possibilidade de estranhamento e deslocamento entre sistemas simbólicos, linguagens, estratos sociais – sugerindo ao leitor experimentar parte da dissolução por que passa o protagonista –, poderíamos imaginar que uma estratégia ou ética de tradução poderia estar mais afinada à estrangeirização, uma vez que esta perspectiva implica, em princípio, o componente do estranhamento.

Caberia pensar, talvez, que o próprio texto de Marsé já se mova entre as duas estratégias: estrangeirização/domesticação...:

As duas línguas dirigidas a um leitor, por sua vez, fazem-nos pensar nas contradições ou, melhor dizendo, partes enigmáticas do livro. Por exemplo, segundo a atitude catalanista, Marsé pertence à tradição espanhola por escrever em castelhano, mas o livro conta uma realidade ao mesmo tempo tão barcelonesa e tão catalã, que não poderia ter sido descrita sem a presença desses dois idiomas. (KING, S. 1999, online, tradução livre)

A questão da ética, ou do caminho a ser seguido, entretanto, parece ainda bastante complexa e, certamente, uma única teoria não trará todas as chaves... Retomando o trabalho de Lenita Esteves (2012), a autora propõe pensar os “atos de tradução” como ação, ou seja, atos “realizados no mundo real”, “unidades de análise irreduzivelmente culturais” (ESTEVES, L. 2012, resumo), e os divide em grupos: famílias de atos que realizam a ação da tradução como difusão do conhecimento, imersão na textualidade, enriquecimento, intervenção política.

A partir disso, propõe uma análise de questões éticas envolvidas em tais atos tradutórios. Para cada um desses grupos de atos, apresentam-se éticas possíveis, e, assim, a depender do ato de tradução realizado/a realizar, perspectivas éticas podem entrar em acordo.

Para imaginar que tipo de ética estaria envolvida neste ato tradutório, poderíamos acrescentar as reflexões de Gouanvic (2001), para quem a ética do tradutor

literário não pode ser expressa em outra lógica que não a do campo literário. Neste sentido, a ética do texto traduzido está enlaçada ao futuro oferecido pelo texto fonte: ambos devem compartilhar aquilo que o autor denomina como “comunidade de destinos” (GOAUNVIC, 2001, p. 209).

Sáimos assim de um texto literário para chegar – pretende-se – a uma tradução literária... Se o texto de Marsé aponta para certos conteúdos políticos, está muito longe de ser um texto panfletário ou apenas um repetidor de estereótipos identitários. Pelo contrário, trata de dissolver conceitos, construindo literariamente o elemento precário e híbrido de qualquer identidade.

É possível pensar, então, que uma tradução ética da obra poderá não ter, predominantemente, o caráter de “intervenção política” ou de “denúncia” das questões referentes às tensões entre Espanha e Catalunha, nem mesmo aspiraria a ser um documento referencial dos processos migratórios no país.

Obviamente, este aspecto não poderia ser totalmente apagado, mas poderia aparecer no ato tradutório em um viés de “difusão de conhecimento”, mais que de “intervenção política”<sup>12</sup>. Uma introdução cuidadosa ao contexto retratado, unida a notas explicativas, poderiam dar conta de trazer tal conteúdo ao conhecimento do público de chegada, sem que estas questões pudessem inibir outros importantes componentes textuais, como a pluralidade linguístico – identitária que se constrói por meio de uma rica polifonia textual.

A estas primeiras conclusões – de que o texto pode ser traduzido, e de que as particularidades contextuais da fonte poderão chegar à tradução como forma de difusão de conhecimento – devemos acrescentar ainda alguns problemas éticos e práticos...

Referimo-nos, agora, à presença das variantes (dialetos/socioletos), recriadas na forma de um *dialeto literário* (SUMNER, 1971), bem como ao uso das duas línguas – castelhano e catalão – no texto original.

Com relação ao catalão e aos catalanismos, entendemos que a estratégia da estrangeirização poderia, em parte, dar conta da questão: ainda que se perca em fluência, manter em catalão as palavras que assim se encontram no original, acompanhadas, quando for o caso, de notas, pode inclusive propiciar o estranhamento anteriormente mencionado, como recurso estilístico. Recorde-se ainda que o público leitor espanhol que

---

<sup>12</sup> Aqui faço ainda referência às categorias descritas por Esteves (2012).

não fala o catalão, ao ler o original, provavelmente sente, ao menos em parte, o incômodo que poderá sentir o leitor brasileiro.

Questão mais complexa é a presença do dialeto/socioleto andaluz e murciano, recriado como dialeto literário:

NORMA VALENTÍ al teléfono:

—Assessorament lingüístic, digui?

—¿Oiga? ¿Dirección General de Política Lingüística?

—Sí, digui.

—Llamo para una consulta, ¿sabuzté? — enmascaró la voz en un tono varonil y caliente, una dicción rápida agraciada con un deje andaluz que tenía muy ensayado en sueños e insomnios —. M'han dicho qu'hable con la zeñora Valentí, la sosoli....sosolingüi...

—Sociolingüista.

—Eso.

—Jo mateixa. Diguim el seu nom.

Silencio. Marés le ofreció un carraspeo, luego un suspiro y jadeos. Sentía un nudo en la garganta. Se me parte el alma —se dijo—. Ella pensará: vaya, otro charnego analfabeto y tímido que no se atreve a preguntar. (MARSÉ, 1990, p. 31)

Verifica-se aqui, ao lado da presença do idioma catalão, a elaboração gráfica (*dialect eye*) (SUMNER, 1971) de traços fonéticos marcados das variantes do sul da Espanha: criação apropriadamente denominada como “dialeto literário” (AZEVEDO, 1991,1992, 2002).

Cabe acrescentar que a questão da representação literária do dialeto é bastante complexa, já se tomamos como ponto de partida a elaboração do texto original. Nesta linha, Ives Sumner (1971) e Milton M. Azevedo (1991,1992, 2002) enfatizam que qualquer dialeto literário é, também, construção e representação de certos traços da variante linguística, através de determinada perspectiva escolhida pelo autor, ele também falante de determinada variante, que é tomada então como “standard”.

Uma discussão mais aprofundada – especialmente sobre como as pronúncias são representadas – deve reconhecer o fato de que o próprio autor é falante de um dialeto. Essa linguagem “padrão” mencionada pode apenas ser a variante da linguagem que o próprio autor considera “padrão”. (SUMNER, 1971, p. 150, tradução livre)

Poderíamos então pensar no dialeto literário quase como em uma “tradução” de certo tipo de fala, portadora de marcas regionais/sociais, em um texto escrito, e que traz em sua feitura, também as questões relativas à alteridade.

Assim, muitas vezes, determinados traços são exagerados, ou observados com maior ênfase e os aspectos escolhidos para a construção do dialeto literário tendem

a ser mais regulares que a forma como aparecem na fala. Desta forma, o dialeto literário nunca será a expressão “fiel” de qualquer variação linguística.

Aguilar González e Jiménez Ramírez (2002) observam que o fenômeno mais representado na obra, com apelo visual evidente e facilidade de compreensão na leitura, é o *ceceo*<sup>13</sup>, realização fonética carregada de conotações sociais, historicamente associada à fala das classes baixas (ALVAR, 1974), de origem rural. Exemplos: *zeñora*, *zervirle*, *zangre*, *zoñar*, *zeñor* etc. Também ocorre o pseudo *ceceo* implosivo (ou aspiração) em *uzté*, *miruzté*. Em menor proporção, aparece o *seseo*. Alguns outros traços típicos dessa variante não são registrados.

Além disso, há expressões típicas da oralidade, marcadas visualmente (“*miruzté*”, “*zabusté?*”). Nota-se também que há sutis diferenças de estilos de fala “charnega”, a depender do personagem do romance.

Essas escolhas apontam também para uma questão interpretativa, relativa a conotações sociolinguísticas implicadas na criação do dialeto literário. Azevedo (2002) destaca que, ao evidenciar aspectos geralmente “desaprovados”, “antiquados” ou locais, o dialeto literário recobra ainda uma outra função: promover a desfamiliarização com relação ao significado referencial da linguagem, ao qual se acrescenta um segundo eixo de significação. Este outro eixo significativo é o que impulsiona à interpretação das relações sociais entre os personagens, que a linguagem padrão tende a mascarar (AZEVEDO, 2002, p. 510-511).

Todas essas questões reverberam, analogamente, na tradução do dialeto literário. Qual a linguagem a ser considerada *standard*? Como e o que “*dialetizar* literariamente”, ao fazer a travessia entre as línguas? Como recriar essas alteridades, essas provocações?

Se apontamos a ética da estrangeirização como caminho, seria necessário pensar em como seria possível respeitar essa estratégia, uma vez que o que temos em mãos, para dar conta das variantes regionais/sociais, são as variantes da *cultura de chegada*. Que variantes da nossa cultura seriam observadas para a recriação de um dialeto literário “abrasileirado” na tradução da obra? E que problemas éticos estariam implicados?

---

<sup>13</sup> O *ceceo* é a não distinção entre o fonema /Ø/ e o fonema /s/, ambos pronunciados como /Ø/. Por sua vez, o *seseo* é também a não distinção entre o fonema /Ø/ e o fonema /s/, mas neste caso ambos são pronunciados como /s/.

Estes aspectos são bastante delicados e diferentes soluções já foram abordadas. Alfonsina de Benedetto (2008), comenta, por exemplo, o caso da tradução italiana, que acabou, segundo ela, por neutralizar a variação diatópica e diastrática. Tal solução parece, a nosso ver, empobrecer de maneira inaceitável o texto, dada a relevância do tema – línguas e variantes linguísticas – evocadas já no título da obra.

Benedetto propõe como solução uma maior aproximação do tradutor ao registro oral. Entretanto, a pergunta persiste: qual registro oral, entre a infinidade de registros possíveis?

Dieter Messner (2010), comenta que, no caso da tradução francesa, a opção de manter a diferenciação da variante foi traduzida na forma da criação de um *ceceo* em francês no texto traduzido. Foi feito um teste de leitura com falantes de francês para saber como o percebiam: para eles, no lugar de retratar uma variação diastrática, tratava-se de representar um personagem com problemas anatômicos, que o impediam de pronunciar os fonemas adequadamente, ou seja, houve uma evidente distorção dos propósitos da obra.

No caso da tradução alemã – que optou, de certa forma, por domesticar as variações dialetais/socioletais, traduzindo-as para dialetos alemães –, Messner aponta que a tradução usou dialetos incompreensíveis para leitores de certas regiões alemãs. Além disto, resultou cômico o uso de dialeto alemão em contraste com ícones culturais espanhóis/catalães.

Para traduzir a variação dialetal presente em *El amante bilingüe*, deparamo-nos, assim, com mais algumas questões. Por um lado, a estratégia estrangeirizadora constrange-se à necessidade de trabalhar com dialetos/socioletos da cultura de chegada. Em um caso extremo, a criação de uma variação linguística literária, sem referencial externo, poderia resultar em um estranhamento excessivo, alheio aos propósitos e à estética da obra.

Em outra via, a escolha de uma variante existente na cultura de chegada implica trazer ao texto traduzido questões regionais e sociais de diferente ordem contextual. O resultado dessa escolha pode ser mais ou menos satisfatório, a depender de uma avaliação ética de tais acréscimos e das inevitáveis perdas. A representação literária do dialeto é, assim, fonte de intenso trabalho de “retradução”.

Ao longo deste trabalho, tentamos sinalizar que o texto de Marsé, como artefato literário, cria um discurso polifônico, plurilíngue e, ao extremo, “esquizofrênico”, para dar conta de uma identidade híbrida e contrastiva, em si mesma traduzida. A tradução

desse artefato ficcional envolve escolhas éticas e uma cuidadosa recriação dos recursos empregados pelo autor, a fim de criar a “comunidade de destinos” entre o original e a tradução. Por outro lado, a própria iniciativa de traduzir cria mais um discurso “migrante”, e evidencia potencialidades do texto que poderiam não ser notadas.

Em uma tradução, não há somente uma certa porcentagem de ganhos e perdas. Ao lado desse plano, inegável, existe um outro, em que alguma coisa do original aparece e que não aparecia na língua de partida. A tradução faz girar a obra, revela dela uma outra vertente (BERMAN, 2002, p.21).

Finalizo retomando a reflexão de Eaglestone (2005), que destaca que a tradução revela nossa alienação na própria língua: “uma vez que a possibilidade de tradução – ou seja, o aparecimento de outras línguas – se apresente, uma língua parece não ser suficiente.” (EAGLESTONE, 2005, p. 136, tradução livre).

Como imersão na textualidade, o ato tradutório pode assim ampliar a leitura desse dissoluto e bilíngue amante com mais algumas camadas de incertezas.

## Referências

AZEVEDO, M. M. Literary Dialect As an Indicator of Sociolinguistic Conflict in Juan Marsé's *El amante bilingüe*. **Journal of Interdisciplinary Literary Studies/Cuadernos Interdisciplinarios de Estudios Literarios**. Amsterdam, v. 3, n. 2, p. 125-136, 1991.

\_\_\_\_\_. Considerations on Literary Dialect in Spanish and Portuguese. **Hispania**, Wallad Lake, v. 85, n. 3, p. 505–514, 2002. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/414113> . Acessado em 15/05/2014.

\_\_\_\_\_. Linguistic Aspects Of The Representation Of Foreigner Tack In Brazilian Literature. **Sintagma: Revista de Lingüística**, Lleida, v. 4, p. 69–76, 1992.

BENEDETTO, Alfonsina. Variación y conflicto de las lenguas en traducción: Las novelas de Juan Marsé en Italia. In: PEGENAUTE, L. et al. (Eds.). CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN IBÉRICA DE ESTUDIOS DE TRADUCCIÓN E INTERPRETACIÓN, 3, 2007, Barcelona. **Anais**. La traducción del futuro: mediación lingüística y cultural en el siglo XXI. Barcelona: PPU, 2008, v. 1, pp. 165-174.

BERMAN, Antoine. A tradução em manifesto. In: **A Prova do Estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Holderlin**. Tradução: Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_. A tradução e a letra ou a pousada do longínquo. In: JORGE, Guilhermina

(coord.). **Tradutor dilacerado**. Reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução. Lisboa: Edições Colibri, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade catalã e ideologia étnica. **Maná: Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional, v.1, 1, 1995.

\_\_\_\_\_. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo, Pioneira, 1976.

\_\_\_\_\_. Os (des)caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, nº 42, fev/2000. p 7-21.

CORNEJO-POLAR, Antonio. Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso migrantes en el Perú moderno. **Revista Iberoamericana**. v. 62, n. 176, p. 837-844, jul-dez. 1996.

DEIGH, J. Ethics. In: AUDI, R. (Ed.). **The Cambridge Dictionary of Philosophy**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1999, p. 284-289.

EAGLESTONE, Robert. Levinas, translation, and ethics. In: BERMANN, S.; WOOD, M. (ed.) **Nation, language and the ethics of translation**. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2005, p. 135-6.

ESTEVA FABREGAT, C. **Estado, etnicidad y biculturalismo**. Barcelona: Península, 1984.

ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. **Atos de tradução: éticas, intervenções, mediações**. 2012. 244 f. Tese apresentada à Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção de título de Livre-Docente. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GELI, C. Juan Marsé: ‘La Transición decretó la desmemoria’. **El País**. [online]. 8 de abril de 2016. Disponível em:

[http://cultura.elpais.com/cultura/2016/04/08/babelia/1460116821\\_473173.html](http://cultura.elpais.com/cultura/2016/04/08/babelia/1460116821_473173.html)

Acesso em 15/04/2016.

GOUANVIC, Jean-Marc. Ethos, Ethics and Translation. In: PYM, A. (ed.) *The Return to Ethics*. Special issue of **The Translator** 7, p. 203-212. Manchester: St Jerome Publishing, 2001.

AGUILAR GONZÁLEZ, F.B; JIMÉNEZ RAMÍREZ, F. Sobre máscaras y representaciones en ‘El amante bilingüe’. In: BELMONTE SERRANO, J.; LÓPEZ DE ABIADA, J. M. (eds). **Nuevas tardes con Marsé: ensayos sobre la obra de Juan Marsé**. Murcia : Nausícaä, 2002. p. 9-24.

KING, Stewart. Desempeñar papeles y la desmitificación cultural en El amante bilingüe de Juan Marsé. **Revista de Estudios Literarios**, Madrid, v. 12, jul-oct. 1999.

Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero12/index.html>>. Acessado em: 20/08/2012.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MARSÉ, Juan. **El amante bilingüe**. Barcelona: Planeta, 1990.

\_\_\_\_\_. (2009a). Cerimônia de entrega do Prêmio de Literatura em Língua Castelhana Miguel de Cervantes: discurso. [23 de abril de 2009]. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares. Discurso proferido no recebimento do Prêmio Miguel de Cervantes do 2008. Disponível em:

<[http://www.mcu.es/premiado/downloadBlob.do?idDocumento=1949&prev\\_layout=premioMiguelCervantesPremios&layout=premioMiguelCervantesPremios&language=es](http://www.mcu.es/premiado/downloadBlob.do?idDocumento=1949&prev_layout=premioMiguelCervantesPremios&layout=premioMiguelCervantesPremios&language=es)>  
Acessado em 06/11/2012

MESSNER, D. Sobre traducciones fracasadas. **Linguística L**, Ljubljana, v. 50, n. 2, p. 127-136, 2010. Disponível em :

<<http://www.ff.unilj.si/fakulteta/ZalozbaInKnjigarna/Zaloznistvo/KatalogPublikacij/Linguistica/linguistica2010.pdf>>. Acessado em: 20/09/2012.

PYM, Anthony. The Return to Ethics in Translation Studies. In: PYM, A. (ed.) *The Return to Ethics*. Special issue of **The Translator** 7, p. 129-138. Manchester: St Jerome Publishing, 2001.

RESINA, Juan Ramón. The Double Coding of Desire: Language Conflict, Nation Building, and Identity Crashing in Juan Marsé's "El amante bilingüe". **The Modern Language Review**, London, v. 96, n. 1, p. 92-102, jan. 2001.

RODRÍGUEZ, Javier Silvestre. Las emigraciones interiores en España durante los siglos XIX y XX: una revisión bibliográfica. **Revista de Estudios sobre Despoblación y Desarrollo Rural**, v. 1, nº 2, 2002, p. 227-48.

SCHLEIERMACHER, F. On The Different Methods of Translating. In: VENUTI, L. **The translation studies reader**. London: Routledge, 2012.

SOLÉ, Carlota (Ed.). **Los inmigrantes en la sociedad y cultura catalanas**. Barcelona: Península, 1982.

SUMNER, I. A theory of literary dialect. In: WILLIAMSON, J. V.; BURKE, V.M. **A various language: Perspectives on American dialects**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.

TRIBUNAL CONSTITUCIONAL. Pleno. Sentencia 31/2010, de 28 de junio de 2010. **BOE** núm. 172, de 16 de julio de 2010. Disponível em:  
<<https://boe.es/boe/dias/2010/07/16/pdfs/BOE-A-2010-11409.pdf>>. Acesso em 02/06/2019.

VÁZQUEZ, Adolfo Sotelo. Historia y Discursos en El amante Bilingüe de Juan Marsé. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, v. 488, p. 141-150, 1991.

VENUTI, Lawrence. Local Contingencies: Translation and national identities. In: BERMANN, S.; WOOD, M. (ed.) **Nation, language and the ethics of translation**. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2005.

## TRANSLATED IDENTITIES: ETHICAL APPROACHES IN EL AMANTE BILÍNGÜE'S TRANSLATION

### Abstract

The present article points out some ethical questions found in the translation of Juan Marsé's novel *El amante bilingüe* (1990). Understood from the perspective of a migrant narrative (CORNEJO-POLAR, 1996), plurilingual and polyphonic, the book recreates, in the plot plane, the identity dissolution process of the character – in which historical, cultural and linguistic relations between Spain and Catalonia issues are mirrored in a caricatural way. Interwoven with the plot, the plane of language is woven like a network of reverberations, with the presence of two languages and a literary dialect. In dealing with this complex literary artifact based on linguistic plurality, new problems are posed to the translator: the aspects related to contact and mediation between cultures are evidently intertwined with the literary re-creation that occurs in the crossing between languages. Defining a translation strategy that contemplates the literary resources employed by the author thus implies reflection on the ethical choices involved in the translation act.

### Keywords

Cultural identities. Plurilingualism. Ethics of translation. Juan Marsé. Migrant identity.

---

Recebido em: 06/06/2019

Aprovado em: 03/09/2020